

A Pequena Coruja

Lene Mayer-Skumanz / Salvatore Sciascia, Itália

Tradução: Lina Silva para Oficina de Tradução CI&C 2007, ESE Castelo Branco Portugal



Há muito tempo, quando os animais e as pessoas falavam a mesma língua, na floresta por detrás das montanhas dos sonhos, vivia uma pequena coruja. Era a mais nova de seis irmãos e irmãs, e foi a última a deixar o ninho na velha árvore.

Os pais ensinaram-na a voar, a caçar ratos e a apanhar banhos de sol.

Por fim disseram-lhe – Tens de ter coragem pequena coruja! Olha para o mundo! -

- Mas eu não sou muito pequena? - Perguntou a pequena coruja.

Os pais da pequena coruja bateram os bicos e suspiraram pacientemente. - A Grande-Coruja-Que-Tudo-Fez vai olhar por ti na tua jornada. E tu conheces as regras: Matar a caça depressa para que não sofra. Assim também se torna mais saborosa. Aproveitar cada raio de luz, por muito fraco que seja. E quanto a voar longas distâncias...bem, pratica o teu voo voando. Não tenho mais nada a dizer. -

A pequena coruja virou a cabeça em todas as direcções para poder olhar uma última vez para os seus pais, e para a árvore que tinha sido a sua casa.

Gritou, guinchou e piou um adeus. Depois, abriu as asas e partiu.

A floresta por detrás das montanhas dos sonhos era grande e cheia de animais.

Voava a coruja já há algum tempo, quando encontrou uma aberta num vale rochoso. Empoleirou-se no cume musgoso, pestanejou contra o intenso pôr-do-sol, e sentiu-se feliz. Por baixo dela, numa pedra ainda quente pelo sol, estava deitada uma gata selvagem. Tinha quatro riscas pretas que a cobriam do nariz á testa.

Quando levantou a cabeça para olhar para a pequena coruja abanou a cauda felpuda e encaracolada.

-Uma coruja! Vieste mesmo na hora certa. Responde-me por favor. Porque é que a Grande-Gata-Selvagem-Que-Tudo-Fez permite que alguns gatos sejam amansados?- -O quê? O quê? - Piou admirada a pequena coruja.

-Ontem á noite fui mais longe que alguma vez tinha ido, até ao ribeiro que rugue pelas montanhas dos sonhos abaixo. Vi uma casa feita de madeira e pedras, feita por pessoas, e perto dela havia um cheirinho bom a pássaros rechonchudos a cacarejar. Mas eu não tinha fome, só queria observá-los à distância...

Em frente da casa estava sentado um homem com uma gata ao colo e fazia-lhe festas, e ela, em vez de morder e arranhar, ronronava. Tremi. Deixar-se tocar –

Rrrr! Como é isso possível? -

A pequena coruja olhou para baixo, abanou a cabeça e piou -Como hei-de eu

saber? - A gata selvagem levantou-se, empolou a cauda encaracolada e os pêlos eriçaram-se-lhe. Os seus olhos piscaram verdes e amarelos.

-O que queres dizer com isso? - Vaiou. - Tu és uma coruja! As corujas são sábias e sabem todas as respostas a todas as perguntas no mundo! -

-Não sabia isso -, respondeu a pequena coruja chocada.

- Então para que é que existem? - Cuspiu a gata selvagem. - Tem mas é vergonha e vê se aprendes alguma coisa!

A pequena coruja ficou tão baralhada que abriu as asas e partiu. Encontrou uma árvore de tronco oco e copa larga, que luzia ao pôr-do-sol. A pequena coruja sentou-se num ramo baixo e pôs-se a pensar. Da vegetação rasteira souou um restolho de asas grandes. Ouviu-se um grande estalido e um forte bater de asas e, de repente, aterrou um pavão junto da pequena coruja. O ramo abanou com o seu peso. -Consegui outra vez! - Cantou o pavão. -É a mesma coisa todas as noites antes de dormir! Porque é que não consigo voar tão bem como consigo correr? Hei, quem é que anda aí? Ó pequenote, ouve, esta árvore é minha, eu é que durmo aqui! - Desculpa! - Gemeu a pequena coruja.

O pavão abanou as suas lindas penas e disse, - Ah! Uma coruja...a julgar pela voz. Vem mesmo a calhar! Ajeitou as penas e deixou-as pender.

Depois continuou, - Tenho uma pergunta entalada na garganta há muito tempo.

Porque é que o Grande-Pavão-Que-Tudo-Fez plantou tão poucas árvores para podermos dormir? - -Uh, uh, o quê? - Piou a pequena coruja.

-Vês o comprimento da minha cauda, - disse o pavão.

-Consigo fazer um leque com ela. Mas quando quero dormir descansado, só me dá chatices. Só me servem árvores muito altas, com ramos altos e deitados. Não há árvores que me cheguem nesta floresta. -Tens esta, - murmurou a pequena coruja.

-Querias ter três ou quatro por onde escolher, - gritou o pavão. -Responde-me.

Porque é que não plantaram mais? - -Não sei, - respondeu a pequena coruja.

O pavão inclinou a cabeça até as suas penas azuis quase tocarem nas penas do peito da pequena coruja. -Não sabes? Porque é que não sabes? As corujas sabem todas as respostas a todas as perguntas no mundo! -Não sabia que era uma pergunta importante, - confessou a pequena coruja. -Sua tola. Tu não és uma coruja de verdade! - Troçou o pavão. -Devias mas é ter vergonha. Vê se te vais embora. A pequena coruja partiu, completamente abananada.

Encontrou uma pequena gruta numa rocha e sentou-se a um canto para poder descansar e pensar. - Porque devo ter vergonha? - Disse para si mesma. -Porque é que tenho de saber as respostas a todas as perguntas no mundo? Como é que a gata selvagem fala da Grande-Gata-Selvagem-Que-Tudo-Fez e o pavão fala do Grande-Pavão-Que-Tudo-Fez, quando foi a Grande-Coruja que fez tudo?

O sol já se tinha posto por detrás das montanhas dos sonhos. No céu, para oeste, a estrela da noite brilhava e a lua subia lentamente por cima do topo das árvores. Os raios da lua chegavam à pequena gruta na rocha e a coruja alegrou-se com a luz prateada.

-Está na hora de sair daqui - guinchou uma voz que vinha de trás dela.

-Está uma noite calma! Graças ao Grande-Morcego-Que-Tudo-Fez! -

A pequena coruja virou a cabeça e viu um pequeno morcego pendurado na parede de cabeça para baixo com as garras das patas cravadas na rocha. Abriu as asas ligeiramente para as olear. Com a língua sorveu uma substância oleosa que saía de uma pequena abertura por cima das narinas, que espalhou rapidamente por toda a pele. A pequena coruja de repente disse: - Ena! Isso cheira mal! –

-Sim, tem um cheiro forte – concordou o morcego.

-Por isso é que não sou boa caça para ti, minha querida. És uma coruja, não és? -

-Sim, mas sou uma coruja pequenina e que talvez nem seja verdadeira...! -

-Bla, bla, bla! Corujas são corujas e as corujas sabem todas as respostas a todas as perguntas no mundo – disse o morcego. -Tenho uma pergunta –

O morcego saiu do esconderijo e ficou pendurado em frente da cara da pequena coruja. – Vês como sou bem feito – chiou.

- Estou bem equipado para tudo. Consigo apanhar insectos até na noite mais escura. Mando um grito, e quando o eco volta, voo até eles e apanho-os. Mas há uma coisa que me aborrece. Só consigo ter uma cria por ano. As borboletas e as traças põem muitos, muitos ovos, atrás da mãe porco-espinho cambaleia uma fila de bebés porco-espinho e as raposas têm pelo menos 3 crias. Porque é que o Grande-Morcego-Que-Tudo-Fez só me deixa ter uma cria? -Não sei – respondeu a pequena coruja. O morcego balançou para trás e para frente admirado. - Não sabes? Porque é que devo acreditar em ti? -Não sei – repetiu a pequena coruja e suspirou desesperada. - Quem é que sabe se tu não sabes? - Perguntou o morcego entristecido. -Talvez não te estejas a esforçar o suficiente para saberes a resposta, não achas? Voltas quando souberes? - A pequena coruja disse que sim energicamente. -Ainda bem – chiou o morcego. Abriu as asas e partiu pela noite dentro. A chiadeira alta e aguda do morcego cortava o ar. Os outros morcegos saíram das profundezas da gruta e seguiram-no.

A pequena coruja reparou nos morcegos a voarem aos ziguezagues ao luar.

Apesar das preocupações, a pequena coruja sentiu fome. Passou a noite a caçar e apanhava ratos tão depressa como um relâmpago. Quando já estava tão cheia que não conseguia comer nem mais um bocadinho, perguntou a uma ratinha que ouviu a caminhar silenciosamente pelo chão -Ratinha, responde-me. Que coisa grandiosa te fez a ti e a mim? -

Passado algum tempo, ouviu um guincho vindo de um buraco na terra.

-A Grande-Ratazana, quem é que podia ser? De certeza que sabes isso, sua velha sabe-tudo! Porque é que perguntas tão sorrateiramente? Queres que eu saia do meu buraco? Vocês são sempre culpados quando um de nós desaparece. Quem me dera saber porque é que as corujas não comem erva!

-Ou milho – piou a pequena coruja. -Não, o milho é nosso – chiou a ratinha mais baixo. Depois calou-se por completo.

A pequena coruja seguiu o seu voo e procurou uma árvore de copa alta onde pudesse descansar. -Hu-hu-hu, eu não sei tudo – chorou – só sei que não sei nada. Lá em baixo, sentiu deslizar uma sombra cinzenta de rabo gordo e encaracolado. -Por esta não esperava – rosou uma voz. – Já lá está um bocadinho de sabedoria, fininha que nem um cabelo –.

A pequena coruja olhou em todas as direcções. – Mas vou aprender – piou e adormeceu.

Quando o sol da manhã começou a brilhar por entre as folhas, já a pequena coruja estava acordada e a gozar o seu brilho avermelhado.

- O que será que vou encontrar e experimentar hoje? - Perguntou a si mesma. Abriu as asas e partiu em direcção às montanhas dos sonhos, voando depressa e silenciosamente por cima da floresta. Lá em baixo viu um ribeiro que brilhava e a borbulhava. Voou mais baixo e reparou na casa construída pelas pessoas de que a gata selvagem tinha falado. Tudo era sossego em redor, a não ser umas galinhas que esgravatavam na terra à procura de minhocas. Junto ao ribeiro uma voz humana cantarolava. A pequena coruja voou em direcção ao som e viu uma mulher que tirava água do ribeiro.

A coruja empoleirou-se num arbusto e piou.

-Tens uma voz bonita, muito mais bonita que a minha. – A mulher olhou para a coruja e sorriu.

Depois disse para a pequena coruja, – Imagina que na natureza tudo fosse igual. Não seria enfadonho? Por exemplo, tu consegues ver e ouvir melhor do que eu, já para não mencionar que consegues voar. - -E tu, porque é que estás a cantar? - Perguntou a pequena coruja. -Estás como um melro a defender o teu terreno de cultivo? - -Canto porque me ajuda a trabalhar – disse a mulher. – E às vezes canto em honra da Grande-Mãe-Que-Tudo-Fez.

-Onde é que ela vive? - Perguntou a pequena coruja. -Em todo lado – disse a mulher. - Os olhos humanos não a conseguem ver. O sol, a lua e as estrelas são as jóias na roupa dela... - E se eu te dissesse – sussurrou a pequena coruja, – que os peixes deste ribeiro sabem de um Grande-Peixe-Que-Tudo-Fez?

- A Grande-Mãe não se importaria, – respondeu a mulher. - Ela ama todas as suas criaturas. A pequena coruja rodou a cabeça para um lado e depois para o outro, pensativa. - Ela gosta quando cantas em sua honra? - Espero que sim – disse a mulher. - Eu também lhe peço muitas coisas: peço-lhe que o telhado da minha cabana dure muitos anos, que as minhas galinhas tenham muitos pintainhos e que o meu filho e eu tenhamos saúde... – -Costumas preocupar-te com as coisas que possam acontecer amanhã? -

- Toda gente se preocupa – disse a mulher. -Sabes se vai chover hoje? Queria secar a minha roupa. - Não me parece que vá chover, o ar não cheira a chuva – respondeu a pequena coruja. Piou e partiu rio acima.

A pequena coruja passou o dia a apanhar banhos de sol. Enquanto o fazia, conseguia pensar tranquilamente. Ao fim da tarde, voou até aos vales das montanhas dos sonhos. Quando estava a anoitecer, viu uma coisa que brilhava como uma estrela por entre as árvores. Voou até á luz e encontrou uma pequena cabana de madeira. A luz vinha de uma abertura na parede e atraía as traças. A pequena coruja também se sentiu enfeitiçada pela luz. Com ar atrevido, foi-se aproximando cada vez mais até se sentar num pequeno degrau à entrada da abertura. Gostava tanto do brilho quente da luz, que se pôs a cantar uma canção de amor. Piou, gritou e guinchou. -Uma coruja no parapeito da minha janela – disse uma voz grave. - Bem-vinda! - A pequena coruja pestanejou para conseguir ver o homem do outro lado da luz. Era um homem velho.

A pequena coruja perguntou ao homem velho, – O que estás a fazer? – -Estou a ler – disse o homem, e enxotou uma traça de uma folha de papel.

-O dia foi curto, por isso continuo a ler à luz do candeeiro. É um livro sobre o Grande-Pai-Que-Tudo-Fez. - -Onde é que ele vive? - Perguntou a pequena coruja. -Em todo lado – respondeu o homem velho. -No reino dos céus, que os meus olhos ainda não conseguem ver, e no coração das pessoas.

- Costumas fazer-lhe perguntas sobre o futuro? - Perguntou a pequena coruja.

-Sim, claro – disse o homem velho. - Mas pergunto-lhe ainda mais pelo passado. Ele vê tudo, passaram-se tantas coisas na minha vida que não escapam aos seus olhos. Isso preocupa-me muito. - Ai, se eu te contasse – sussurrou a pequena coruja, - que a traça sabe de uma Grande-Traça-Que-Tudo-Fez ...-

O homem velho sorriu de compaixão. - Como é que conseguem imaginar o Grande-Pai como qualquer outra coisa?

- Talvez como a Grande-Mãe, como me disse a mulher junto ao ribeiro? -

O homem velho franziu a testa.

-Já lhe falei muito sobre o Grande-Pai, mas pelo que tu me dizes, ela ainda não percebeu. Espero que um dia ela perceba o que está certo.

-O Grande-Pai importa-se que esta mulher o chame Grande-Mãe? - Perguntou a pequena coruja. O homem velho ficou a pensar durante muito tempo. - Isso é uma pergunta interessante Penso que não. O Grande-Pai é gentil. Acho que me preocupa a mim, seu verdadeiro servo ... –

- Não deixes que isso te abata – disse a pequena coruja. Piou um adeus e partiu.

Na manhã seguinte a pequena coruja voltou ao ribeiro. Desta vez não encontrou a mulher, mas viu uma criança. A criança estava sentada na margem do ribeiro com um gato ao colo e tinha os pés a balançar na água. Olhou para os peixes. O sol brilhava na criança, no gato, na água, nas pedras e na erva. Sem fazer barulho, a pequena coruja pousou no toco de uma árvore. A coruja conseguia ver tudo a uma boa distância graças aos seus olhos aguçados. Viu a criança a fazer festas ao gato.

Reparou que o gato gostava tanto que lhe fizessem festas que se esquecera dos peixes. Reparou nas ondas a cintilar. Tudo lhe dava muito prazer.

Quem me dera saber se a criança também tem um nome para aquele ser maravilhoso que tudo fez e que faz o sol brilhar em tudo.

Talvez a criança não saiba um nome, mas ele está sentado na sua presença. A pequena coruja sentiu isso muito bem.

Amanhã e depois de amanhã não estavam lá e não tinham importância.

Ontem e antes de ontem já estavam longe, algures no passado, e não tinham importância. A pequena coruja virou a cabeça em todas as direcções e lembrou-se de todos os nomes que tinham sido dados ao ser maravilhoso.

“A Grande-Coruja-Que-Tudo-Fez, a Grande-Gata-Selvagem, o Grande-Pavão, o Grande-Morcego, a Grande-Ratazana, a Grande-Mãe, o Grande-Pai. Também se podia chamar o Grande-Segredo-Que-Está-Sempre-Presente”, piou a pequena coruja. O gato abriu um olho e piscou-o à coruja.

-Porque não – miou preguiçosamente.

Depois do pôr-do-sol, a pequena coruja voltou à floresta. Procurou o buraco onde estava a ratinha, encontrou-a e gritou lá para dentro,

-Tu-ri-tu-ruu. Todas as coisas vivas vivem de coisas vivas. Até o milho está vivo! - Enquanto continuava a voar, encontrou o morcego.

- Voas tão bem – disse a pequena coruja.
- Se tivesses de carregar mais que uma cria, terias demasiado peso para voar. -
-És capaz de ter razão –, concordou o morcego.
- A pequena coruja passou por cima da árvore onde o pavão estava a dormir.
- Que criatura vaidosa – pensou.
- É tal e qual como as galinhas e quer ter mais que uma árvore para dormir.
- Continuou a voar e viu a gata selvagem deitada num ramo largo à espera de uma boa caça. Os olhos da gata brilharam quando viram a pequena coruja.
- Já estás mais sábia? - Gozou. - Não muito, porque sou pequena e ainda estou a aprender – piou alegre a pequena coruja. - E já agora, também vi um gato que deixava que lhe fizessem festas. Nem os peixes do ribeiro o faziam sair do colo da criança. - - Escandaloso – bufou a gata selvagem.
- O mundo não seria enfadonho se todas as criaturas fossem iguais e tivessem os mesmos sentimentos? - Perguntou a pequena coruja.
- Não é bom que o Grande-Segredo, a que tu chamas a Grande-Gata-Selvagem, nos dê tantas escolhas?

- Por último, voltou a casa na árvore onde viviam os pais.
- Os pais da pequena coruja piaram-lhe um bem-vindo, – A Grande-Coruja-Que-Tudo-Fez deixou-te experimentar muita coisa?
- Deixou – respondeu a pequena coruja tranquilamente. – A partir de agora vou falar dela a toda gente.
- Pois fala minha filha, fala a todos – piou a mãe.
- E o pai disse, - Mas, com as pessoas vai ser difícil. Dificilmente vão acreditar em ti.
- A pequena coruja rodou a cabeça e disse – Hei-de voar tanto até que encontre alguém que acredite em mim. –